

## **ESPAÇOS DE ESTAR** **Experiências na arte educação**

CAROLINA MESQUITA CLASEN<sup>1</sup>; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica curso Artes Visuais, modalidade Licenciatura (CA/UFPel), bolsista PROBEC PATAFÍSICA: Mediadores do Imaginário

*clsnmail@gmail.com*

<sup>2</sup> Me.Prof. Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, *carol80cr@yahoo.com.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente resumo traz inquietações acerca do verbo *estar* na arte educação e nos diferentes níveis de aprendizado. A partir de experiências na sala de aula no ponto de vista de aluna, depois educadora e também como pesquisadora do Grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário.

Meu primeiro objeto de pesquisa é a relação com minha formação escolar e o desenvolvimento dos paradigmas educacionais que desencadearam as inquietações, literalmente físicas, que me punham ansiosa e ainda me colocam à distâncias enormes das frases das pedagogias tradicionais. Perambulo pelas entrelinhas do Foucault e Ranciere; sendo direta e constantemente atravessada por (con)vivências em mediações artísticas; que me permite experimentar a singularidade de cada ser, de cada componente do todo e não tratar os alunos/visitantes da exposição como um bloco de massa homogênea, como o biopoder que Foucault trata, por exemplo, no seguinte trecho:

“Tomando o corpo coletivamente, num conjunto de corpos, esse novo poder inventou um novo corpo, a população; mas agora trata-se, ao contrário do poder disciplinar, de um corpo com uma multiplicidade de cabeças.”

### **2. METODOLOGIA**

Vivencio as distantes relações professor-aluno e, quando me torno estudante da licenciatura, compreendo estas distâncias. Então percebendo o espaço negativo disso, onde não distancia; ou ainda, onde aproxima; valorizo a experiência originária do aluno, para/na educação. Desta maneira, proponho uma aproximação direta com as experiências destes, para que a conversa seja quase que como um redescobrimto do que já existe, dos saberes próprios, da memória. Fundamos, uma relação que me enlaça, professora/mediadora, afetivamente.

A aula ou a mediação são iniciadas em conversas com um contato que poderia ser representado pelo crescimento de diferentes sementes em um pedaço de jardim. A semente que não deixa de ser ela própria por tudo que poderá ser e que carrega consigo, mas com a ação dos nutrientes da terra há uma reação catalisadora destas potências. Acontecendo de maneira plural, respeitando a individualidade de cada semente, cada aluno, cada ser que faz parte do encontro.

Propondo como ponto de partida um espaço de tempo para partilharmos e compartilharmos sensíveis e saberes, *estar* é o verbo que sintetiza discretamente o encontro das minhas experiências enquanto aluna e posteriormente educadora, mediadora, pesquisadora.



Figura 2



Figura 3

A partir desse redescobrir, desse olhar para si, fundamentamos nossa ligação, mais profunda, com o conhecimento e com o mundo, pois sabemos que eles existem em nós e, portanto, podemos discuti-lo a partir dos nossos próprios referenciais. Esta forma de abordagem em sala de aula, passa a fazer parte do meu *estar* em sala de aula quando *estou* nas galerias de arte mediando. As imagens anteriores (imagem 2, 3) são o que visualizo quando me deparo com a frase: “O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real.” (FOUCAULT, 1970). Pois, enquanto mediadora, proponho que o processo ou o tema abordado na obra seja trazido à tona através de depoimentos dos que estão fazendo parte desta mediação, ao me deparar com crianças e seus universos imaginantes, acesso esses portais e torno real através da obra, da arte, do encontro. Torno real o próprio encontro, porque *estou*.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências com a educação vêm fazendo parte da minha formação sem que eu precise estar presente fisicamente em sala de aula. O estar com o outro já me pressupõe uma relação pluridirecional de educar e transmitir, de estar atenta aos atravessamentos que tal momento está sugerindo. Na seguinte imagem, trago o contato de um encontro/mediação em que os alunos se permitiram trocar os olhos pela narração do colega, e me permitiram que os tirasse o sentido da visão. Foi uma relação criada e estabelecida através dessa aproximação inicial.



Figura 1

Quando estou em um momento de educação é exatamente isso, uma conversação de aprendizado; a diferença de abordagem do conhecimento que proponho em sala de aula, permite que consiga enxergar, através das mediações e das *fazeções* em galerias de arte, os saberes que se interpenetram em que respeito tempo e espaço do outro. Tal aproximação, nesse encontro de educação, compartilho com a arte educadora/mediadora Helena, que escreve sobre sua experiência: “Buscando a proximidade, procurei ouvi-los. No primeiro encontro quis saber quem eram, o que gostavam de fazer, como se sentiam em relação às artes visuais, ou à cidade em que viviam”

#### **4. CONCLUSÕES**

Quando em sala de aula, meu corpo presente, o que tenho de mais urgente a fazer naquele momento é estar inteiramente neste encontro. Há mais de milhões de estímulos, existem os afectos e os perceptos do Deleuze, olhos e ouvidos, fios de cabelo sendo despertados para que o professor ainda tenha que reinventar-se autoritário, detentor do conhecimento, reprodutor de frases prontas. Assim, creio nesta forma de compartilhar, de estar presente com o todo. Entender que o todo não é a simples soma das partes, mas a ação que a reação que cada parte fará presente nesse encontro. Considero as palavras de Ranciere, para falar dessa divisão de nós mesmos em espaços de educação:

“Partilha significa duas coisas: a participação em conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas.”

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso – aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RANCIERE, Jacques. **A Partilha do Sensível - Estética e Política**. São Paulo: Ed. Exo Experimental, 2005.

### Capítulo de livro

VEIGA-NETO, A. O segundo domínio: o ser-poder. In: FOUCAULT, M. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. Cap. 4, p. p.55 – 78.

### Tese/Dissertação/Monografia

MOUCHOUTIS, H. S. **Pela lei natural dos encontros – experiências de mediação artísticas na sala de aula e no espaço expositivo**. 2013. 70f. Monografia – Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas